

Samuel José Cucurbitáceos

FERNANDO PEDREIRA

Contam os mais velhos que, em 1930, Getúlio Vargas era um Napoleão rechonchudo e barrigudinho, metido numa farda cáqui, amarelada, que o fazia um tanto ridículo. Seu apelido, uns tempos depois, seria "chuchu", um legume meio sem gosto próprio e sem muito caráter.

Getúlio era o chefe do governo e da revolução, não porque tivesse sido o seu grande promotor ou fosse o seu verdadeiro líder, mas porque fora o candidato de oposição dado como derrotado na contagem oficial dos votos, que os revolucionários consideravam roubada. Washington Luís, o antigo presidente, impusera o seu próprio candidato, Júlio Prestes, que a máquina oficial fez formalmente vitorioso. Minas, Rio Grande do Sul e Paraíba rejeitaram a imposição e depuseram Washington, mas em vez de convocar novas eleições limpas (o Brasil só começaria a ter eleições razoavelmente limpas 20 anos depois), fizeram da posse do seu candidato a sua bandeira e a sua lei.

No governo, Getúlio viu-se cercado de um considerável tumulto revolucionário, onde pontificavam homens mais jovens, mais talentosos e de muito mais panache e brilho do que ele próprio: Oswaldo Aranha, Góes Monteiro, Virgílio Mello Franco, João Neves da Fontoura, Baptista Luzardo, Juarez Távora. E, entretanto, pouco a pouco seu poder foi-se firmando, o dos outros diminuindo, até que ele se tornasse o temido ditador do Estado Novo, o pai dos pobres, dono e senhor da política brasileira até o suicídio de 1954.

O Brasil era outro e Getúlio era sem dúvida especialmente bem dotado para a política, mas os trunfos que tinha em mãos quando era ainda o chuchu foram especialmente dois: (A) ele estava na presidência e, estando nela, era o natural (ou o mais óbvio) traço de união entre os vários grupos e setores que se digladiavam no campo da revolução vitoriosa; (B) enquanto os outros, à sua volta, perseguiram objetivos variados, ele pensava única e exclusivamente numa coisa: ficar no poder.

Em 1932, 34, 35, 37 e 38, o movimento revolucionário dividiu-se: os mais idealistas, os mais puros, os mais extremados foram dissentindo e sendo expurgados, ao longo de crises sucessivas. Getúlio foi ficando. Até que a revolução, que havia sido dos tenentes, se tornasse o governo do PSD de Benedito Valadares e do populismo de Adhemar de Barros e Jango Goulart.

Haverá alguma semelhança entre essas histórias antigas e a História do Brasil atual? Um possível paralelo entre o Getúlio-chuchu de 30 e o Sir Ney que hoje preside a nossa bagunçada e confusa Nova República? Dizia Marx, citando (mal) seu mestre Hegel, que as tragédias da história, quando se repetem, se repetem como farsas. José Sarney não é um sólido estancieiro e oligarca, como foi Getúlio em seu tempo. Não é um estadista. Mas talvez a modéstia dos seus dotes provincianos e da sua biografia casem bem com o quadro político que o Brasil construiu para si, neste apagar das luzes (no escuro todos os gatos são pardos) do século XX.

Sendo um vice que assumiu a presidência sem ter para isso os votos ou a estatura política necessária, Sarney tem sido comparado ao malogrado João Goulart (1961-64) e até ao norte-americano Harry Truman, sucessor de Roosevelt. A meu ver, entretanto, o modelo que melhor lhe cabe é o de Getúlio. Um Getúlio, talvez, de segunda classe; um Getúlio pedestre, bem na medida dessa política mofina que hoje temos, desprovida de estadistas e de grandes figuras como as que tivemos ainda nos anos 50 e 60.

Jango, na Presidência, enfrentou uma oposição vigorosa e valorosa, civil e militar, que acabou por depô-lo. Sarney, como Getúlio em 30, não tem oposição digna deste nome. A situação que o sustenta é esmagadoramente majoritária. E, tal como em 30, ela começa a se dividir e dissolver debaixo dele, o que só pode aumentar e consolidar (em vez de diminuir) o poder pessoal do presidente.

Sarney não tem oposição, e as cisões na sua própria base paradoxalmente o fortalecem — ao menos enquanto ele não tiver (como não tem ainda e talvez não venha a ter), no seu campo, um rival à altura, uma liderança alternativa que possa parecer melhor ou mais aceitável do que a sua. Ulysses e o próprio Aureliano estão gastos demais e parecem acomodados, indispostos para a luta. Os novos, como Covas, têm dificuldades para firmar-se. Os governadores, de pires na mão, querem verbas e ajuda federal.

Getúlio ficou 15 anos. Quantos vai ficar Sarney? Cinco, seis, dez? Na verdade, na ausência de adversários de peso, não será difícil ao presidente, mesmo canhestro e mediocremente dotado, reunir metos para neutralizar a agressividade da Constituinte, e ir levando. A sociedade civil, o corpo da cidadania, quer votar, quer mudar o governo, mas está politicamente desarmada: não tem lideranças que a mobilizem e falem em seu nome, não tem sequer candidatos em que possa realmente acreditar.

Sarney é a expressão perfeita desse vazio. Hoje, o único obstáculo sério diante dele e dos seus associados da turma do poire (à qual se juntou o doutor Aureliano) não é político: é econômico e social. Chama-se inflação. Getúlio, em 30, não tinha diante de si dificuldade parecida.

Ainda aí, entretanto, as coisas estão longe de ser claras. De que modo uma crise sócio-econômica, mesmo muito agravada, se traduz em termos políticos se não há eleições? Se não há eleições, se os mandatos se prolongam, a crise, sendo realmente grave, pode traduzir-se no enrijecimento e até no fortalecimento do governo eventual. As armas e as forças da ordem crescem e ganham autoridade. A censura e a auto-censura (na TV, no rádio e depois na imprensa) voltam à moda — um filme que, na nossa deplorável América Latina, não sai nunca de cartaz, definitivamente.

Eis aí a receita de como um chuchu, um pobre chuchu que às vezes dá pena às almas bem formadas e aos espíritos mais generosos, pode acabar vestindo não só o fardão da academia, mas a farda de ditador. Em 1937 e, quem sabe, em 1987.

Haja saco.